

OS SETE SABERES DE EDGAR MORIM PARA A EDUCAÇÃO DO FUTURO

RÉGIS FLÁVIO VARELA DE OLIVEIRA

Pós-doutorando da Universidad de Desarrollo Sustentable – UDS, regisflaviovareladeoliveira@gmail.com;

ERIVANEIDE DOS SANTOS LIMA

Doutoranda do Curso de Ciências da Educação da Universidad de Desarrollo Sustentable – UDS, erivaneide242@gmail.com

RESUMO

Este estudo traz a discussão sobre os setes saberes necessários à Educação do futuro de Edgar Morin, onde aponta que a educação do futuro está intimamente ligada as nossas ações no presente e que tipo de educação queremos para as nossas futuras gerações. Para o desenvolvimento do mesmo foi realizada a pesquisa envolvendo uma Revisão Bibliográfica com análise da publicação já realizada por Edgar Morin. Temos como intuito apresentar este artigo e refleti-lo acerca do pensamento do autor que vincula os conhecimentos antigos com os vigentes, ressaltando a importância de não excluir os recursos tecnológicos, pois são privilégios para nosso intelecto deste novo século, fazendo-nos ponderar a respeito do nosso papel quanto preceptor do conhecimento e os princípios de educação que percorre por paradigmas reduzidos nos dias de hoje. E assim, assumir que a educação do futuro deve ter como prioridade ensinar a “ética da compreensão planetária, como reitera o quarto saber, implica entender a ética não como um conjunto de proposições abstratos, mas como atitude deliberada de todos os que acreditam, como Edgar Morin, que ainda é possível que sociedades democráticas abertas se solidarizem, mesmo que o caminho seja árduo e, por vezes, desanimador.

Palavras-chave: Educação. Saberes. Paradigmas.

INTRODUÇÃO

Neste artigo reescreveremos proposições sobre a proposta de Edgar Morin (2000) ao eleger os sete saberes necessários à educação do futuro. Em 1998, as edições da UNESCO no Brasil, editou, Educação: Um tesouro a descobrir de Jacques Delors. Nesse relatório da Educação para o século 21, foram estabelecidos 04 pilares da Educação Contemporânea: “Aprender a ser”; “Aprender a conhecer”; “Aprender a fazer” e “Aprender a conviver”. Os mesmos são fundamentais para que as informações possam ser transmitidas e, assim, a comunicação frente a realidade social atual.

O “aprender a ser” foi direcionado ao desenvolvimento do ser humano como um todo, levando-o ao hábito de pensar de forma crítica e autônoma; o “Aprender a conhecer” foi direcionado a constante aprendizagem de ter a capacidade de sempre se renovar; o “Aprender a fazer” direcionado para a interação entre o conhecimento teórico/prático, com a intenção de profissionalizar e o “Aprender a conviver” direcionado ao saber viver em comunidade, comunicar-se e respeitar a diferenças.

Dentro da perspectiva deste relatório, a UNESCO, convidou Edgar Morin, para expor suas ideias de como deveria ser a Educação do futuro, surgindo assim o livro, os sete saberes necessários a educação do futuro, onde Edgar Morin, tentou entender os saberes para encaixá-los na realidade da educação brasileira e enquanto planeta Terra.

Dessa forma, o trabalho tem como objetivo uma análise acerca das ideias de Edgard Morin observadas nesse livro, envolvendo os saberes necessário, de acordo com o autor, para a educação no futuro que favorecem para um melhor desenvolvimento da mesma para tanto, for realizada uma Revisão Bibliográfica.

O livro foi dividido em 7 capítulos e aborda questões filosóficas, crenças religiosas das culturas e civilizações ao situar a condição humana, acrescentando a importância do saber científico. Sendo assim, o livro aborda:

No capítulo 1: As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão, destacando o intelecto, razão e ilusão, onde não há conhecimento que não esteja em algum grau, que não esteja ameaçado pela ilusão, quando tratamos da percepção de nossos sentidos, ou seja, o erro de percepção no sentido de perceber uma situação. Partindo dessa concepção Morin (2000, p. 45) diz que não há teoria científica imune para sempre contra o erro, tomando como

exemplo que os avanços tecnológicos surgiram para revelar alguns erros, podemos citar o uso microscópio nas análises dos seres invisíveis.

No capítulo 2: Nos princípios do conhecimento pertinente, fala sobre contexto, globalização, era planetária, situar os conhecimentos no contexto atual, onde as informações devem estar interligadas favorecendo no entrelace entre atividades diversas, incluindo o desenvolvimento de novas tecnologias da comunicação contribuindo com que todos os conhecimentos possam refletir de alguma forma no resto do mundo. Nenhum lugar é isolado ou independente, pois as distâncias diminuíram, os acessos as informações são reais com a presença da internet.

Segundo Morin (2000, p. 78) , o contexto dá o sentido ao acontecimento, pois o conhecimento não pode ser de forma isolada e insuficiente. Já o global proporciona a relação entre partes e todos, a sociedade como todo, está presente em cada indivíduo, nas suas linguagens, saberes e costumes, pois olhar só o todo não é suficiente para entender as partes.

No capítulo 3: Ensinar sobre a condição humana, fala sobre o ser humano em si, apesar das barreiras geográficas, somos todos seres humanos e devemos conhecer a nossa história. Para isso, devemos entender a “Era planetária” e a “Condição cósmica”. A “Condição terrena” irá nos mostrar que vivemos na terra e adquirimos uma identidade terrena, no entanto somos iguais no sentido da biologia, somos diferentes nas culturas, ou seja somos iguais nas diferenças.

No capítulo 4: Ensinar a identidade terrena, Morin (2000, p. 123) faz um retrospecto para a história do mundo, como o segmento dos principais humanos, evolução, diáspora, povos antigos, homo sapiens. “O mundo se torna cada vez mais um todo”, por este motivo precisamos desenvolver a identidade terrena a consciência terrena, aprender a viver, dividir, comunicar, desenvolver uma consciência ecológica, e educar a próxima geração para desenvolver essa consciência ecológica também.

No capítulo 5: Enfrentar as incertezas, ele fala sobre como lidar com as incertezas, ter precauções e resiliência com as informações, está preparado para as mudanças. Morin (2000, p. 125) fala que “Não existe apenas criação e inovações, mas existem também, destruições”.

No capítulo 6: Ensinar a compreensão, ele fala sobre encarar para entender os conhecimentos matemáticos é uma coisa, educar para entender a condição humana é outra coisa, precisamos tomar cuidado, pois vamos formar cidadãos. A compreensão significa ouvir e se colocar no lugar do outro, respeitando a empatia, simpatia, generosidade. Entender que é bom

para mim para não ser bom para o outro, e que as vezes precisamos abdicar minha vontade em prol de um bem maior.

Surge então, a ética da compressão, precisamos compreender de modo desinteressado e sem esperar nada em trocar. As culturas devem aprender umas com as outras, como a religião por exemplo. Só assim iremos aprender a compreender e respeitar as diferenças. Pois ao aceitarmos o outro reconhecendo as suas diferenças é o que favorece na nossa afirmação como seres humanos amplos e únicos; possível de ampliar sua visão, além de transformar as próprias ações moldando a interação com as pessoas.

No capítulo 7: A ética do gênero humano, seria a junção de todos os saberes, (2000, 106). onde a antropológica é uma cadeia de três termos; o indivíduo sociedade e espécie, que mexe com a consciência humana e que são bases para ensinar a ética do futuro. A complexidade de cada indivíduo, cultural, sociedade, costumes e ideologias são coisas biológicas própria do ser humano, pelo fato do ser humano ser multidimensional.

Dessa maneira, os sete saberes necessários à educação do futuro constituem eixos/ caminhos para tanto os que estão preocupados com o futuro dos pequenos e dos jovens, pois a educação tem que ser integral ao ser humano e, a totalidade é apenas a um de seus componentes como relata Morin (2000, 145). Dessa maneira, a educação do futuro deve responder aos problemas ignorados, pois a preocupação permeia em transmitir conhecimento dentro de uma estrutura social organizada e em eterna transição. Para os educadores é um grande desafio enfrentar como os novos saberes que estão notórios e que aporte terá estes novos saberes na educação do futuro.

No que lhe concerne, Edgar Morin (2000, p. 154) releva a sociedade atual e como os desiguais comportamentos se vinculam no meio do espaço acadêmico como uma construção mais altruísta, ligando as aprendizagens passadas e avançadas não descartando as tecnologias, que tantos benefícios transportou para a organização do saber de hoje. Outro ponto importante, consiste a respeito das ideias que são propagadas numa agilidade e os dinamismos de direção e articulação a respeito de transmissão de conhecimentos que seriam universais com interesse da maioria.

Pautando-se nas palavras de Morin (2000, p. 165), evidencia-se que os problemas não estão concentrados em nível educativo: como no primário, que é o primordial; no intermediário; nem no ensino superior, mas discorre sobre as adversidades específicas para cada um deles que necessitam ser mostrados, em razão dos buracos negros da educação que são desprezados,

minimizados e fracionados na metodologia de ensino. No entanto, deveriam ser posicionados no âmago das inquietudes da formação dos educandos que se tornarão cidadãos.

METODOLOGIA

Este estudo foi realizado a partir da leitura e análise do livro *Os Sete Saberes Necessários a Educação do Futuro* escrito por Edgar Morin, para o desenvolvimento desse trabalho foi realizada uma Pesquisa Bibliográfica segundo Vergara (2000) é desenvolvida a partir de material já elaborado que favorece o levantamento de informações básicas.

A partir dessa pesquisa é possível coletar as informações de documentos já publicados realizando a busca, exploração e análise dos mesmos. Ao conduzi-la de forma sistemática contribui para o desenvolvimento de uma base sólida de conhecimento, facilitando o desenvolvimento da teoria em áreas onde já existem pesquisas, e também, identificando áreas onde há oportunidades para novas pesquisas (WEBSTER; WATSON, 2002 apud CONFORTO, 2011, p. 1)

Ao realizar uma Revisão Bibliográfica desse material tem-se a possibilidade de conhecer as ideias dos autores, suas abordagens e pensamentos acerca de uma temática podendo viabilizar a identificação de novas perspectivas. Favorece, também, na certificação de que a pesquisa foi realizada com um embasamento teórico e científico firme.

Toda teoria pode, em algum momento, ser questionada e uma nova ser proposta. Nesse sentido, a ciência nunca é definida; está sempre revendo seus posicionamentos, refazendo sua compreensão e explicação da realidade. Ora, para reformular teorias, propor novas, é preciso conhecer as que já existem. Por isso, a necessidade de revisão da bibliografia que existe. (HENRIQUES; MEDEIROS, 2010, p. 61-2)

Dessa forma, em uma pesquisa científica, a revisão da bibliografia é importante nos trabalhos acadêmicos que contribui o desenvolvimento de uma nova proposta a partir de pesquisas já realizadas fornecendo uma base conceitual, além de dispor de informações básicas para que o pesquisador possa compreender e explicar as realidades apresentadas partindo da concepção de que a ciência não é acabada.

Assim, a revisão bibliográfica proporciona ao pesquisador a realização de um trabalho partindo das contribuições dos estudos já publicados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão

O autor começa refletindo sobre o “Erro e a ilusão”, de acordo com o pensador, a mente é permeada por eles desde o homo sapiens. Dessa maneira, aconselha um pensamento que conecta, mas desprende todos os enfoques existente no cosmo. Posiciona o conceito como adverso e secundário pois, supõe que está em contínua transformação. Afirmando que, apenas, as pessoas são preparadas para instruir e adquirir conhecimento.

O conhecimento não é um espelho das coisas ou do mundo externo. Todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos. Daí resultam, sabemos bem, os inúmeros erros de percepção que nos vêm de nosso sentido mais confiável, o da visão. Ao erro de percepção acrescenta-se o erro intelectual. O conhecimento, sob forma de palavra, de ideia, de teoria, é o fruto de uma tradução/reconstrução por meio da linguagem e do pensamento e, por conseguinte, está sujeito ao erro. Este conhecimento, ao mesmo tempo tradução e reconstrução, comporta a interpretação, o que introduz o risco do erro na subjetividade do conhecedor, de sua visão do mundo e de seus princípios de conhecimento. (MORIN, 2003, p. 20)

Com isso, o desenvolvimento do conhecimento científico é vital para a detecção dos erros e de lutas contra ilusões. De acordo com Gomes (2006, p. 238) diz que o “conhecimento, sob forma de palavra, de ideia, de teoria, é o fruto de uma tradução/reconstrução por meio da linguagem e do pensamento e, por conseguinte, está sujeito ao erro”.

Assim, Embora o desenvolvimento do conhecimento científico seja necessário, também, é relevante distinguir e suprimir as ilusões que resulta das teorias científicas. Mas, não pode tratar sozinho das questões epistemológicas, filosóficas e éticas. De acordo com Lakatos e Marconi (2011) compreende a ciência como a sistematização do conhecimento.

Em relação aos erros intitulados pelo autor, apresenta paradigmas que permeiam o homo como seus erros intelectuais, erros da razão, mostrando que existe uma racionalidade dos erros, estabelecendo teorias e as refutando, posto que a educação tem como incumbência desvendar o caminho

a seguir, da mesma maneira as incertezas acarretadas pelas desordens arbitrárias em qualquer transferência de conhecimento.

Portanto, esse primeiro saber é referente às ilusões e aos equívocos do conhecimento, enfatizando-se que o processo educativo não promove o ensinamento do que é o conhecimento, sendo apresentado como algo concluído. Assim como aponta, Morin (2002, p. 85) “É necessário também ensinar que o conhecimento comporta sempre riscos de erros e ilusões, e tentar mostrar quais são suas raízes e causas”.

Desta forma, a educação inclusiva e sustentável trata-se da que suscita a proveniência dos erros, pauta-se na lucidez e distancia-se das ilusões, constituindo a educação em um processo de natureza crítica e consequente.

Os princípios do conhecimento pertinente

Conhecimento é o ponto chave e ao mesmo tempo emblemático, seja contemporâneo de cunho político, econômico, financeiro, antropológico; é essencial e fundamental. “O conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto destas.” (Morin, 2003, p. 4). Assim, temos um paradigma no novo milênio. Como ter acesso às informações e como articular e organizar? O autor coloca esse questionamento para refletir a respeito do global, o multidimensional, o complexo.

Tudo isso confronta com a educação do futuro, pois as incoerências tornam-se invisível no contexto, no global, no multidimensional e no complexo. Fazendo um paradoxo em relação a educação em realce, pois o modelo que temos de educação por ensino disciplinar é o incumbido por validar apenas a parte e não o todo. Entretanto, é vital que o estudante veja o todo para que tenha um ponto de vista de totalidade para que o entendimento seja posto em uma grande conjuntura.

O problema do conhecimento é um desafio porque só podemos conhecer, como dizia Pascal, as partes se conhecermos o todo em que se situam, e só podemos conhecer o todo se conhecermos as partes que o compõem. [...] Ora, hoje vivemos uma época de mundialização, todos os nossos grandes problemas deixaram de ser particulares para se tornar mundiais. [...] Todos os problemas se situam em um nível global e, por isso, devemos mobilizar a nossa atitude não só para os contextualizar, mas ainda para os mundializar, para

os globalizar; devemos, em seguida, partir do global para o particular e do particular para o global. (MORIN, 2003, p. 1-2)

Logo, a educação do futuro deverá promover conhecimento do todo para se permitir a resolução de problemas, desde os mais complexos aos mais substanciais no curso do entendimento. Sendo assim, se o aluno consegue resolver os problemas gerais, estará mais capaz para solucionar os problemas mais inerentes.

Considerando-se esse segundo saber, que é alusivo aos princípios do conhecimento pertinente, este é pertencente ao território, composto nas práticas sociais e na cultura. Segundo Morin (2002, p. 86) “o conhecimento pertinente não é fundado numa sofisticação, mas numa amplitude que consiste em contextualizar o saber.

Em outras palavras, somos reprodutores de pensamentos desagregados que suprimi e comprova uma mão dupla de mundo, inadequadamente discrepante em todos os conceitos como explica Morin (2002) : sujeito/objeto, corpo/alma; matéria/espírito.

Ensinar a condição humana

A humanidade é única e distinta, temos uma grande diversidade cultural e temos que ter humanidade com os nossos semelhantes, pois não estamos sozinhos no planeta. Todos nós fazemos parte do universo; universo esse que devemos proteger e bem preservado para as nossas futuras ascendências.

A identidade de um povo está em sua cultura contribuindo para a sua singularidade no mundo. Em decorrência do grande número de povos existentes no planeta observa-se inúmeros costumes e tradições gerando assim, uma diversidade cultural.

[...] ao discutirmos sobre cultura temos sempre em mente a humanidade em toda a sua riqueza e multiplicidade de formas de existência. São complexas as realidades dos agrupamentos humanos e as características que os unem e diferenciam, e a cultura as expressa. Assim, cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos.” (SANTOS, 1983, p. 07)

Sabe-se que a globalização interfere nas interações culturais, decorrente da interação entre as pessoas de diversos lugares do planeta gerando

uma proximidade entre esses povos favorecendo na expansão de seus conhecimentos e pensamentos.

Tudo isso irá influenciar na nossa educação do futuro, pois as futuras gerações, necessariamente, devem conhecer a diversidade da cultura planetária da qual fazem parte conforme Morin (2000, p. 47) afirma que “estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano.”

Debater e a identidade do ser humano, afirmando que o mesmo trata-se de um complexo de circunstâncias históricas, sociais, culturais, psíquicas, biológicas e físicas, constando que o destino da humanidade é multifacetado e aberto, demandando a integração dos saberes, visando reconstruir o indivíduo que se encontra como um recorte.

Ensinar a identidade terrena

O quarto saber diz respeito à compreensão humana, alertando o paradoxo da época atual, que afirma que apesar da ampliação dos meios de comunicação, encontra-se presente a incompreensão, de maneira que o entendimento entre os indivíduos demanda esforços de generosidade e empatia, sendo o acolhimento uma ação voltada contra a discórdia, a discriminação e os racismos.

É preciso ensinar a compreensão humana, porque é um mal do qual todos sofrem em graus diferentes. Começa na família, onde filhos não são compreendidos pelos pais e os pais não entendem seus filhos. Pode continuar na escola, com os professores e os colegas. Continua na vida do trabalho, no amor e acho que temos que ensinar também a enfrentar as incertezas. Porque em todo destino humano há uma incerteza desde o nascimento. (MORIN, 2015, p. 2)

Dessa forma, a compreensão humana é defendida por Morin (2015) o seu ensinamento por iniciar dentro do contexto familiar, além de abranger outros setores sociais, dentre eles, a instituição escolar que favorece na compreensão das suas vivências.

Segundo Morin (2000) o planeta terra é um turbilhão de movimentos desprovidos do centro organizador e não um sistema globalizado. Isso implica na consciência da condição humana, pois o pensamento planetário requer um pensamento policêntrico focados nas culturas de mundo. Futuramente ensinar a identidade terrena, ou seja, a cultura do mundo

terreno é o que defende Morin (2000, p. 65) ao dizer que “educar para este pensamento é a finalidade da educação do futuro, que deve trabalhar na era planetária para a identidade e a consciência terrena.

Enfrentar as incertezas

A quinta abordagem segundo Morin (2000) relata os fatos históricos enfrentados na realidade da vida humana, pautadas em situações vivenciadas de formas inesperadas, onde o cotidiano das pessoas apresenta pontos esperados e inesperados, tornando imprevisível o futuro da história humana, assim, também como continua sendo uma aventura desconhecida.

Com a velocidade dos processos complexos ligados aos fatores determinantes sócios econômicos, dentre outros, faz-se perceber as incertezas no progresso uma vez que de um lado está a possibilidade de crescimento e do outro a possibilidade do incerto, acontecem através da tomada de consciência de história de mundo ou realidade da nossa era planetária.

Um dos tópicos discutido ainda pelo autor em estudo foi relatar a “história criadora e destruidora”, explicitando o surgimento de duas vertentes em dois pontos destacados, onde o primeiro relata que o novo para ser novo é preciso nunca ser revelado para não perder sua novidade, caso contrário deixará de ser novo. Já no segundo, relata que em hipótese alguma a criação pode ser conhecida de forma antecipada, caso contrário deixará de ser uma criação, tal inovação dita antecipadamente pode causar uma destruição na criação.

A incerteza do conhecimento está no âmago da questão epistemológica. Desde os tempos mais remotos o homem pergunta-se pelo ato de conhecer, pela forma como se processa o conhecimento, pelo grau de certeza e de objetividade, enfim, pelas potencialidades e limites do conhecimento. (MARTINAZZO; DRESC, 2013, p. 2)

Assim, a educação do futuro pressupõe enfrentar as incertezas de forma consciente, observando as ideias e teorias que por sua vez não refletem porém mostram a realidade que pode estar oculta, cabe à reflexão e ação da realidade das ideias. Ações essas que podem provocar “os circuitos dos riscos e preocupações, os circuitos dos fins e meios e os circuitos das ações nos contextos”. Conforme aborda Morin (2000, p. 88).

Na história da humanidade, infelizmente, vimos acontecer o possível se tornar impossível e vice-versa, portanto para a educação do futuro vale

aprender lhe dá com as incertezas esperando o inesperado e trabalhando pelo improvável.

De acordo com Morin (1991, p. 221) “o problema cognitivo é o problema cotidiano de cada um e de todos. A sua importância política, social e histórica torna-se decisiva.” Dessa forma, o autor apresenta o desenvolvimento do pensamento complexo importante por perpassar várias esferas dentro do contexto social.

Nesse contexto, tem-se o homem como sujeito participante, mas complexo e que não é compreendido a partir de modelos simples e por sua complexidade surge a necessidade e importância da análise de cada parte sem descrever o todo, e vice-versa.

Ensinar a compreensão

Trata-se de o sexto saber da educação que é capaz de enfrentar a incerteza, sendo necessário que essa invista em métodos e estratégias capazes de suprirem eventuais eventos não previstos, atuando com as informações provenientes e obtidas com o decurso temporal. Desta maneira, a integração de identidades através dos domínios disciplinares do saber leva ao diálogo da condição planetária, referente à educação comprometida com formatos novos de solidariedade, considerando o futuro dos seres humanos numa perspectiva de caráter planetário, sendo este o sexto saber.

O problema da compreensão tornou-se crucial para os humanos. E, por este motivo, deve ser uma das finalidades da educação do futuro. Lembremo-nos de que nenhuma técnica de comunicação, do telefone à Internet, traz por si mesma a compreensão. A compreensão não pode ser quantificada. Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade (MORIN, 2003, p. 93).

Dessa forma, é necessário e fundamental o desenvolvimento da aprendizagem da compreensão por contribuir de forma significativa para os saberes disciplinares, para tanto, requer que seja realizado um trabalho transversal e multidisciplinar que favorece a compreensão do ser humano.

Para Morin (2000), trazer a Discursão da importância de ensinar a humanidade a compreender as incompreensões encontradas no cotidiano

da história da humanidade, é uma ação louvável, pois faz uma ponte com a ética deixando de lado o egocentrismo levando o indivíduo a pensar no outro e entendendo que não somos os donos da razão se comparando feitos juízes que sabem e julgam todas as coisas.

O autor em estudo ainda discute a complexidade da consciência humana que permeia a inteligência levando o outro a compreender e refletir sobre as falhas humanas, entendendo que a compreensão necessita ser mútua e essa deve ser a tarefa da educação do futuro, saber superar a incompreensão como relata Edgar Morin (2000).

A ética do gênero humano

O sétimo saber é voltado à educação associada à sustentabilidade, que é tido como a relevância da antropoética, devendo, desta feita, estar associada a educação com a ética do gênero humano, enfatizada pela autonomia individual, de forma que a participação comunitária e a consciência do planeta são elementares.

Promove-se, desta forma, a educação voltada para a hominização no ínterim de humanização. Neste sentido Morin (2000, p. 105) acrescenta que “a cultura, no sentido genérico, emerge destas interações, reúne-as e confere-lhes valor. Indivíduo/sociedade/espécie sustentam-se, pois, em sentido pleno: apoiam-se, nutrem-se e reúnem-se. (Idem)

[...]a concepção complexa do gênero humano comporta a tríade indivíduo/sociedade/espécie. Os indivíduos são mais do que produtos do processo reprodutor da espécie humana, mas o mesmo processo é produzido por indivíduos a cada geração. As interações entre indivíduos produzem a sociedade e esta retroage sobre os indivíduos. A cultura, no sentido genérico, emerge destas interações, reúne-as e confere-lhes valor. Indivíduo/sociedade/espécie sustentam-se, pois, em sentido pleno: apoiam-se, nutrem-se e reúnem-se. Assim, indivíduo/sociedade/espécie são não apenas inseparáveis, mas coprodutores um do outro. Cada um destes termos é, ao mesmo tempo, meio e fim dos outros. (MORIN, 2003, p. 105)

Assim, a ideia central é apresentar que os indivíduos, a sociedade, as espécies são inseparáveis e, portanto, são coprodutores um do outro. E qualquer tentativa inconsequente de dissociar esses elementos causaria uma regressão na concepção do gênero humano ao invés de contribuir para o

desenvolvimento do conjunto da autonomia individual, da participação em comunidade e do sentimento de pertencimento a espécie humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da obra o autor aborda aspectos relacionados à educação como proposta de mudança na política, na cultura e na sociedade. Para que ocorram essas mudanças são apresentados saberes que refletem a realidade em todo o mundo dentro do contexto educacional.

Diante das abordagens feitas, identificou-se a importância das indagações apresentadas por Morin (2000), pontuando a necessidade de instrução desses sete saberes necessários à Educação do futuro. Para tanto, o autor aponta que não tem intenção de alterar os projetos de ensino, mas, aponta a respeito de uma integração das disciplinas, onde ambas se combinem, se ajustem, possam caminhar em conjunto e que o aluno tenha a visão do todo e, não de forma fragmentada. Havendo uma mudança no pensamento, deixando de lado a visão do que é subdividido, pois dessa maneira não há condições de se compreender a realidade do todo.

Posto isso, identificou-se que os desafios começam na renovação das ideias e da compreensão sobre o real, o mundo e o nosso próprio conhecimento, cabendo aos educadores que formarão os educadores do futuro que meditem a respeito de suas concepções e paradigmas.

Chega-se ao final, imaginando a aplicação desse modelo de ideologia apontada por Morin (2000), que tal leve os envolvidos nesse processo educacional a ensinar e aprender a aprender, desenvolvendo projetos maiores educacionais com dimensões planetárias. A educação passa a ser apontada como essencial à compreensão humana em todos os níveis e segmentos educacionais.

Portanto como professores e educadores praticamos mudanças; essa necessita nascer em cada um, para saber semear esses saberes, é preciso uma resignificação do fazer pedagógico dos envolvidos no processo, implementando mudanças que a humanidade precisa. A reflexão é essencial e devem estar em concordância as ideologias de Edgar Morin (2000), para poder começar a fazer “algo novo”, possível e ético; pois o conhecimento compromete em tomadas de decisões, contribui na busca por um caminho para a cidadania terrena.

REFERÊNCIAS

CONFORTO, C. Edivandro et al. **Roteiro para revisão bibliográfica sistemática: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos**. 8º Congresso Brasileiro de Gestão de Desenvolvimento e de Produto, 2011. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2205710/mod_resource/content/1/Roteiro%20para%20revis%C3%A3o%20bibliogr%C3%A1fica%20sistem%C3%A1tica.pdf> Acesso em: 03 out. 2021.

HENRIQUES, Antonio; MEDEIROS, João Bosco. **Monografia no curso de direito**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINAZZO, Celso José; DRESC, Óberson Isac. **A compreensão do princípio da incerteza e suas implicações no processo de educação escolar**, 2013. ISSN Eletrônico: 2236-9767. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/1716>> Acesso em: 05 out. 2013.

MORIN, Edgard. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**, Tradução Eloá Jacobina, 8. ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

_____. **Da necessidade de um pensamento complexo**. Tradução de Juremir Machado da Silva, 2003. Disponível em: <<http://cuidadosintegrativos.com.br/pdf/necessidade-de-um-pensamento-complexo-edgar-morin.pdf>> Acesso em: 05 out. 2003.

_____. **Edgar Morin: “É preciso ensinar a compreensão humana”**. Fronteiras do Pensamento, 2015. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/entrevistas/edgar-morin-comprensao-humana>> Acesso em: 05 out. 2021.

_____. **Educação e Complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **O método IV.** As ideias: a sua natureza, vida, habitat e organização. Lisboa: Europa--América, 1991.

_____. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya 8. ed. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2003.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 11. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

Oliveira, Cristiane Kessler de, et al.. **Formação Docente:** Aprendizagem por Competências, 24º Seminário Internacional de Educação, Tecnologia e Sociedade: Ensino Híbrido. Núcleo de Educação online: FACCAT, 2019. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/187497247-Formacao-docente-aprendizagem-por-competencias.html>> Acesso em: 06 out. 2021.

SANTOS, J. L. **O que é cultura.** São Paulo: editora brasiliense, 1983

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 3. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.